

The background is a vibrant yellow, featuring several large, glossy, 3D-rendered bubbles of varying sizes. Some bubbles are partially cut off by the edges of the frame. The lighting on the bubbles creates bright highlights and soft shadows, giving them a sense of depth and movement. The overall aesthetic is clean, modern, and cheerful.

Comunicação

A FÓRMULA 1 COMO FENÔMENO MIDIÁTICO ESPORTIVO ANÁLISE SOBRE O CANAL SKY SPORTS F1

FORMULA 1 AS SPORTING MEDIA PHENOMENON SKY SPORTS F1 CHANNEL REVIEW

Flavio Bandeira de Oliveira¹

RESUMO: Escolhemos a Fórmula 1, a maior categoria do automobilismo no mundo como referência para a compreensão de um fenômeno crescente de mídia para o automobilismo no continente europeu. Para isto através de um estudo de caso, nosso objetivo é compreender como um canal de televisão recém-criado conseguiu inovar as transmissões das corridas, levando o público fiel do esporte para cada vez mais perto do contato com a pista, equipe e pilotos. Com a análise, percebemos que o Brasil, país tradicional na categoria, detentor de oito títulos, ainda não consegue fazer uma transmissão televisiva que podemos considerar à altura de uma nação que tem no automobilismo uma história vencedora. Atualmente, o Brasil fica apenas atrás da Alemanha e do Reino Unido no número de títulos mundiais na categoria.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Automobilismo; Fórmula 1

ABSTRACT: We chose Formula 1, the largest category of motorsport in the world as a reference for understanding a growing media phenomenon for motorsport on the European continent. For this, through a case study, our goal is to understand how a newly created television channel managed to innovate the racing broadcasts, bringing the loyal audience of the sport closer and closer to contact with the track, team and drivers. With the analysis, we realized that Brazil, a traditional country in the category, holder of eight titles, still does not manage to make a television broadcast that we can consider equal to a nation that has a winning history in motorsport. Currently, Brazil is only behind Germany and the United Kingdom in the number of world titles in the category.

Keywords: Sports Journalism; Motor racing; Formula 1

¹ Jornalista graduado pelo Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista (IPA). Pós Graduado em Jornalismo Esportivo e Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

INTRODUÇÃO

O presente artigo, faz um breve recorte acerca da cobertura televisiva campeonato mundial de Fórmula 1. O trabalho é um comparativo entre a emissora detentora dos direitos de transmissão para o Brasil, a Rede Globo de Televisão em comparativo com Sky Sports F1. Uma emissora do Reino Unido, criada especificamente para a modalidade. Para a construção do trabalho proposto, permeamos por um resgate histórico, sobre o Jornalismo Esportivo com autores como Fonseca (1997), que traz a cena uma parte da comunicação jornalística que teve os seus primeiros registros em 1854, com o periódico *Le Sport*, que publicava crônicas sobre diversas modalidades esportivas. Na sequência, como foi o surgimento do jornalismo esportivo no Brasil, que no seu início estava intimamente ligado as camadas superiores da sociedade. Autores como Maluly (2004) e Camargo (2001), trazem ao estudo, como foi o surgimento e a sua importância para o desenvolvimento de inúmeras modalidades esportivas no Brasil.

Entre objetivos, o artigo propõe um comparativo da transmissão televisiva entre as duas emissoras de televisão que são detentoras dos direitos de transmissão da Fórmula 1. Uma para o Reino Unido e a outra para o Brasil, e como esse produto esportivo é tratado para o grande público. Para fazer a análise das transmissões, é importante ressaltar a força que a Fórmula 1 tem enquanto produto midiático esportivo, se compararmos com o futebol, onde as cifras são milionárias, a Fórmula 1, também por conta dos seus valores televisivos atinge valores significativos para as emissoras de televisão que cobrem a categoria por vinte e dois finais de semana no ano. Desta forma, também contaremos a história das transmissões televisivas de Fórmula 1 no Brasil, desde o seu surgimento, chegando a

atualidade. Por fim, escolhemos três etapas do campeonato mundial de Fórmula 1, na temporada de 2012, ano de surgimento da Sky Sports F1, para fazer o comparativo com a Rede Globo de Televisão.

JORNALISMO ESPORTIVO

De acordo Fonseca (1997), a história do jornalismo esportivo no mundo tem pouco mais de cem anos. Os primeiros registros são do *Le Sport* (1854), que publicava crônicas sobre haras, turfe e caça, além de sessões de canoagem, natação, pesca, boxe, bilhar e outros esportes. Por ser praticado pelas classes menos afortunadas, o esporte era considerado um tema *inferior* [grifo nosso], e só poderia mudar esse conceito se patrocinado ou praticado pela elite. Isso ocorreu quando o Barão Pierre de Coubertin, membro da aristocracia francesa, fez ressurgir os ideais olímpicos, de união entre os povos. No início, a imprensa esportiva oferecia informações e explicações sobre como praticar os mais variados esportes. Assim que o esporte começou a se tornar importante, as colunas esportivas começaram a ganhar novo status, pois pessoas influentes e de classe alta começaram a se interessar pelos esportes, e eram estas que apareciam nessas reportagens. Assim, o esporte ficava em segundo plano:

Antes de 1939, havia a crônica esportiva, e não um jornalismo organizado de cobertura de eventos. O primeiro órgão esportivo teria sido *Bell's Life*, inglês, depois chamado de *Sporting Life*. E, nos Estados Unidos, a imprensa esportiva só começou a destacar-se nos anos 20 deste século (FONSECA, 1997).

Baseado em Camargo (1998), as primeiras transmissões esportivas

televisivas aconteceram na década de 30, em diversos países: nos Estados Unidos, uma partida de beisebol, em 1935; na Alemanha, os Jogos Olímpicos de Berlim, no contexto nazista em que Hitler queria mostrar a soberania ariana (há um vídeo de divulgação dessa olimpíada chamado Olímpia, que traz um resgate dos ideais Olímpicos); a BBC, da Inglaterra, mostrou a primeira jornada de Wimbledon para o público britânico, em 1937; na França, em 1948, ocorreu a primeira transmissão da Copa Mundial de Futebol, na íntegra.

JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

A primeira reportagem filmada para a televisão ocorre em 1950, no jogo entre Portuguesa de Desportos e São Paulo, considerada o marco das transmissões esportivas na televisão brasileira. A história do jornalismo esportivo no Brasil ocorre praticamente da mesma maneira que o restante do mundo. A partir do interesse das classes mais altas, dos jornalistas e dos escritores mais respeitados é que a imprensa começou a se preocupar com o esporte, principalmente com o futebol. Embora hoje o futebol seja o esporte mais explorado pela mídia, quando foi trazido para o Brasil por Charles Muller, em 1894, não era muito valorizado pela imprensa.

Em outras palavras, o jornalista esportivo tinha pretensões literárias, ou então eram literatos que descreviam a partida, por ausência de um profissional de comunicação especializado. Maluly (2004) relata que os periódicos esportivos brasileiros preferiam abordar assuntos relativos às modalidades esportivas que estavam mais ligadas às camadas superiores da sociedade brasileira e destacavam o público, deixando a partida em segundo plano. A partir da cobertura desses eventos, percebeu-se que o esporte poderia ser um grande aliado

do jornalismo, visto que reunia, ao mesmo tempo, personalidades e notícia.

A Copa do Mundo de 1938, na França, teve a primeira partida transmitida pelo rádio em Copas do Mundo, com o jogo Brasil 6 x 5 Polônia. Na Copa de 1958, na Suécia, com a invenção do videoteipe, era possível assistir aos jogos no cinema, cerca de três dias após a partida. Na Copa do Chile, 1962, foi possível assistir ao videoteipe um dia após a partida e os jornais começaram a sofrer com a forte concorrência da televisão.

Nessa investigação, encontramos várias histórias interessantes, principalmente das primeiras transmissões de eventos esportivos através do rádio. Camargo (2001) conta que o jornalista-locutor Blota Júnior passou uma semana se preparando para a inauguração do estádio do Pacaembu, já que tinha que conhecer os esportes para depois transmiti-los, passou essa semana narrando sozinho todas as modalidades. Em outras situações, jornalistas se aventuravam em telhados de casas vizinhas aos estádios, visto que estes não possuíam lugares reservados à imprensa, e até subiam em galinheiros e tinham o cacarejo dos animais como pano de fundo de suas narrações.

A presença do rádio no âmbito esportivo foi tão forte que as transmissões esportivas foram e são fortemente influenciadas por ele. De acordo com Camargo (2001), os mesmos jornalistas e locutores que eram do rádio foram para a televisão, levando consigo a mesma linha narrativa, ou seja, descreviam a partida, embora as imagens falem por si só, e muitos telespectadores achavam maçantes as transmissões pela televisão, por isso, deixavam a TV ligada e ouviam a partida pelo rádio, porque era mais emocionante.

Nos anos 60, como afirma Camargo (2001), ocorre o declínio da rádio Pan-Americana, que era considerada *A Emissora*

dos Esportes [grifo nosso], anunciando o declínio de outras rádios, por causa da televisão, o que direcionou as cotas de publicidade, patrocinadores e audiência para o novo tipo de veículo. Com isso, as rádios tiveram que passar por um processo de reformulação e encontrar saídas para cobrir esse espaço.

Verificamos, ainda, que a profissão de jornalista esportivo, assim como o jornalista policial, era mal vista. Por sinal, qualquer pessoa realizava essa função, já que se entendia que de futebol qualquer pessoa sabia o suficiente para escrever para o jornal, existindo até mesmo preconceito em relação àquelas que desempenhavam esse papel.

Encontramos em nosso estudo autores que afirmam que a transmissão e veiculação da informação esportiva eram muito utilizadas pelas forças políticas (classe dominante) para alienar o povo e manter a ordem. Exemplos clássicos são as olimpíadas e a Copa do Mundo, em que o governo brasileiro utiliza as imagens das conquistas de medalhas, principalmente as mais difíceis, para amenizar as crises econômicas e políticas no país; e o esporte é mais que um disfarce para essas crises, é uma catarse para alimentar a sociedade, ou como alguns autores chamavam o *ópio da sociedade* [grifo nosso]. Fonseca (2003, p. 58) confirma esse dado, ao investigar os jornais da época da ditadura brasileira e encontra no Jornal O Globo, em 4 de abril de 1964, o relato dos repórteres:

A televisão foi um dos meios que o governo utilizou para manutenção da ordem, e o futebol foi instrumento para a televisão para essa unificação. Tanto que milhões de dólares foram investidos para que o Brasil tivesse transmissão a cores e ao vivo, via satélite, da Copa do Mundo de 1970, no México. Como verificamos em Marques (2004), foi justamente nessa Copa do Mundo que o rádio e o jornalismo

impresso viram-se ameaçados. Em virtude disso, houve um esforço de parceria entre as emissoras de rádio e televisão, que durante as transmissões, revezavam-se a cada 30 minutos, incluindo os intervalos, para narrar às partidas. Nesse ano, o Brasil conquistou o tricampeonato e levava definitivamente a Taça Jules Rimet, e Pelé se consagrava como mito.

A imprensa utilizava a imagem dos jogos como se a busca pela Taça fosse a busca pelo Santo Graal, para intensificar o valor obtido pelo título, e o governo militar estava sempre ao lado da seleção, como se, embora o país estivesse vivendo um período difícil, o símbolo mais importante do mundo pertencesse ao Brasil. Com o passar do tempo e das inovações tecnológicas, a presença da televisão foi cada vez maior no meio esportivo, como comprovamos em Marques (2004):

E, com a onipresença da televisão na mediação das Copas do Mundo, a mídia impressa precisou reinventar seu trabalho diante do poderio da imagem centralizado nos monitores de TV. Um dos recursos utilizados com maior nitidez nesse processo foi à presença, também maciça, de escritores, jornalistas, cantores, esportistas e outras personalidades que passaram a assinar diversas crônicas e colunas nos principais diários brasileiros, como forma de compensar coberturas cada vez mais frias e objetivas dos fatos, as quais obliteravam o espaço da opinião que, antes, fazia-se presente de modo explícito nas matérias ou reportagens.

A verdade é que Copa do Mundo tinha de ser conquistada para que o regime pudesse alcançar seu *status* [grifo nosso]. Para isto, inúmeras propagandas

exaltando o governo e a seleção eram veiculadas diariamente, para mobilizar e entreter o povo, que estava maravilhado, com mais uma novidade, a televisão a cores. Dois anos depois, em 1972, foi a vez de o automobilismo ganhar o seu espaço. Pilotando o Lotus 72 [grifo nosso], no dia 10 de Setembro, no Grande Prêmio da Itália, o piloto brasileiro Emerson Fittipaldi conquista o primeiro título mundial do país na categoria, fator que, segundo Giavoni (2008), foi o que abriu as portas para os demais pilotos brasileiros ingressarem na categoria, e aliou ao regime militar imposto no país à época uma imagem que tão logo foi capitalizada pela indústria automobilística e pelas lideranças políticas, com a finalidade de difundir o esporte pelo país afora. Isso inicialmente teve êxito, pois no ano seguinte, acontece o primeiro Grande Prêmio do Brasil, no autódromo de Interlagos em São Paulo, ainda de forma experimental, onde a corrida ainda não computava pontos para o mundial da categoria.

TRANSMISSÕES DE FÓRMULA 1 NA TV BRASILEIRA

As transmissões das corridas de Fórmula 1 tiveram seu início em 1972, na época conhecida como “milagre econômico” do Governo Militar, e a grande conquista de Emerson Fittipaldi naquele ano, foi logo capitalizada pela indústria automobilística e pelas lideranças políticas, com a finalidade de difundir o esporte pelo país afora, conforme citado anteriormente.

Para Vasconcellos (2008), aliada ao Regime Militar, ficou a cargo de iniciar as transmissões ao vivo da Fórmula 1 a Rede Globo de Televisão, com o narrador Júlio Delamare auxiliado pelo comentarista Antônio Scavone. O que a emissora não contava é que ambos morreriam quando viajavam para a cobertura do

Grande Prêmio da Inglaterra, no trágico desastre do Boeing da Varig no aeroporto de Orly em Paris, em 1973. Durante este período, por um ano, a Rede Globo de Televisão, apenas na temporada de 1980, não transmitiu as corridas. Período em que poucos acreditavam nas possibilidades de bons resultados da equipe Copersucar² dos irmãos Fittipaldi, que construíram o primeiro Fórmula 1 brasileiro, e nem em um novato chamado Nelson Piquet, que iria fazer a sua segunda temporada completa na categoria. Naquele ano, a Rede Bandeirantes, assumiu as transmissões com um narrador ainda desconhecido do público, Galvão Bueno. Vasconcellos (2008) ainda relata que a audiência naquele ano foi expressiva para a emissora, mas não o suficiente para manter a categoria na grade de programação para o ano seguinte, quando a Rede Globo de Televisão retornou a transmitir a categoria para todo o Brasil, com a maioria das corridas na parte da manhã, no horário de Brasília. Naquele ano, o esforço da emissora em ter novamente a categoria em sua grade de programação foi recompensado com o primeiro dos três títulos do piloto Brasileiro, Nelson Piquet.

Desde então, a Rede Globo, transmite, ininterruptamente, a temporada de Fórmula 1, onde o Brasil é o terceiro país com mais títulos na categoria, e atualmente conta com um piloto brasileiro na equipe de maior tradição na modalidade. Ao chegar o ano de 2012, a Globo comemorou 40 anos de transmissão com inovações em seu modo de transmitir as corridas, onde ao longo das 20 corridas disputadas ao longo do ano, deslocou seus profissionais para atuar *in loco* para todas as corridas da temporada. Tal fato que não acontecia desde a temporada de 2003, quando a emissora decidiu que não

² Copersucar ou Escuderia Fittipaldi foi a única equipe brasileira da história da Fórmula 1. Correu entre as temporadas de 1975 e 1982.

faria todas as corridas no local, sendo elas transmitidas diretamente de seus estúdios no Rio de Janeiro. Relata Vasconcellos (2008) que, durante este tempo, a Globo ficava apenas com um repórter no circuito onde ocorreria a etapa. A equipe completa deslocava-se do país apenas nas corridas tradicionais do calendário do campeonato mundial, como o os circuitos de Monte Carlo (Mônaco), Silverstone (Inglaterra) e Monza (Itália), isso sem mencionar o Grande Prêmio do Brasil, onde a emissora é a detentora dos direitos de transmissão do evento para todo o país.

A FÓRMULA 1 COMO UM POTENCIAL DE MÍDIA

A Fórmula 1 pode ser vista ao vivo ou em quase todos os países do mundo. Atrai uma das maiores audiências da televisão mundial. A temporada de 2008, por exemplo, conquistou uma audiência global de 600 milhões de pessoas por corrida. É um evento televisivo de massa, que no ano de 2010, por exemplo levou mais de 527 milhões de telespectadores em 187 países do mundo, os quais participam ativamente deste evento, que ocorre em 20 fins de semana por ano e reúne cerca de duzentas empresas globais que, somadas em faturamento, alcançaram em 2009 o montante de US\$ 3,787 trilhões. Para Giavoni (2008), tal cifra representaria o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) do planeta, atrás apenas de Estados Unidos, Japão e China e à frente de potências como Alemanha, França e Reino Unido. Como se não bastasse ser o mais tecnológico esporte do mundo, possui uma tradição de mais de 60 anos formando ídolos e referências no âmbito esportivo. Em termos anuais, é o evento esportivo mais assistido de todos, apenas superado em quantidade apenas pelos quadrienais Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de futebol.

Embora seja um fenômeno midiático gigantesco tão amplo, a Fórmula 1 é,

ao mesmo tempo, pouco explorada por estudos da comunicação e até mesmo da cultura. Uma vez apontada sua magnitude, seria demasiadamente superficial classificá-la como uma simples modalidade esportiva. Seria igualmente ingênuo encará-la meramente como um lucrativo negócio comercial ou então como somente um colorido e barulhento circo itinerante a entreter pessoas em alguns fins de semana. Ainda em Giavoni (2008) a categoria, que nasceu na Europa em 1950, traz consigo toda uma cultura e ideologia moldada pelo tempo, tornando-se cada vez mais complexa em suas relações. Ao mencionarmos os aspectos comunicacionais, há de se reforçar que a Fórmula 1 possui um processo de profissionalização e expansão de público intimamente ligado à comunicação de massa. É nesse ponto que há a associação direta entre comunicação e cultura, quando encontramos afirmações como a do britânico John B. Thompson (1998), que vê na produção destes eventos que estão presentes no cotidiano das sociedades uma relação indissociável com as atividades das indústrias midiáticas:

Mesmo as formas de entretenimento que existem por muitos séculos, tais como a música popular e a competição esportiva, estão hoje entrelaçadas com os meios de comunicação de massa. Música popular, esportes e outras atividades são em grande parte mantidas pelas indústrias da mídia, que estão envolvidas não apenas na transmissão e apoio financeiro de formas culturais preexistentes, mas também na transformação.³

3 Thrilling 2010 season boosts Formula One TV audiences. Formula 1 - The Official F1 Website. Disponível em <<http://www.formula1.com/news/headlines/2011/1/11660.html>>. Acesso em 27/08/2013

Durante o início dos anos 2000, a Fórmula 1 grupo criou uma série de marcas, um logo e um site oficial para o esporte, em uma tentativa de criar uma identidade corporativa à competição.

A FÓRMULA 1 COMO UM POTENCIAL DE MÍDIA NA EUROPA

Um anúncio feito em 12 de janeiro de 2011, no site oficial da Fórmula 1, disse que a categoria seria transmitida em formato de alta definição para a temporada de 2011, oferecendo uma alimentação mundial com uma taxa de dados de 42 Megabits, onde a emissora britânica BBC posteriormente anunciou que sua cobertura da temporada de 2011 seria transmitida em HD. A Sky Sports e a BBC juntaram-se a para mostrar as corridas da F1 em 2012. Em março de 2012, a Sky (Europa) lançou um canal dedicado à F1, com uma contrapartida também em alta definição. O acordo atual garante Fórmula 1 na Sky até 2018.

A BBC, por sua vez, em 2012, continuou a mostrar a cobertura ao vivo da metade das corridas na temporada: China, Espanha, Mônaco, Europa, Grã-Bretanha, Bélgica, Cingapura, Coréia, Abu Dhabi e no Brasil. Elas também mostram a cobertura ao vivo de treinos e sessões de qualificação para as corridas.

A entrada da britânica Sky Sports pode ser considerada um marco nas transmissões daquela que é considerada a maior categoria do automobilismo mundial. A fase comercial da categoria começou a tomar forma em meados de 1971, quando o atual manager [grifo nosso] da categoria, Bernard Charles Ecclestone, ou Bernie Ecclestone, adquire a equipe Brabham pela quantia aproximada de 100 mil euros. No ano seguinte, Ecclestone assume a direção de uma organização

criada pelas equipes inglesas, a Associação dos Construtores da Fórmula 1 a FOCA.

A partir dessa criação de Ecclestone, o objetivo principal das equipes da categoria era de negociar suas participações junto aos organizadores das competições. Na época, era comum que os proprietários dos circuitos obtivessem todas as vantagens comerciais nas negociações, chegando a controlar a receita das equipes e obtendo certo poder político na comissão esportiva da Federação Internacional de Automobilismo, a FIA. Para barrar os lucros dos donos dos circuitos mundo afora, Ecclestone unificou a Fórmula 1 e criando condições para a realização das competições que os proprietários de circuitos tiveram que aceitar, anulando o poder que estes detinham até então. Fato que ajudou Ecclestone em 1979 a ser o escolhido pela FIA para negociar e administrar os direitos de transmissão de TV, conforme o pensamento de Tremayne (1999):

O controle do esporte estava nas mãos dos proprietários dos circuitos, que estabeleciam o calendário e negociavam com as equipes individualmente na base do "pegar ou largar". Era uma espécie de dividir para dominar em seu nível mais grosseiro. Carente de recursos financeiros e patrocinada na maioria por um pequeno núcleo de fãs comparativamente ricos do automobilismo, as provas de Grand Prix precisavam de alguém com a visão e a persistência para promovê-la (TREMAYNE, 1999, p. 47).

O que é inegável ressaltar nos dias atuais que a categoria a mando de Ecclestone obteve um salto de qualidade com as suas transmissões ao redor do mundo. O crescimento também se deve ao fato da categoria se aliar as principais emissoras dos países por onde passa. Neste panorama,

podemos citar a Rede Globo de Televisão, responsável pela geração das imagens do Grande Prêmio do Brasil para o mundo, assim como a inglesa BBC, no Grande Prêmio da Inglaterra, a italiana RAI, no Grande Prêmio da Itália, entre outras emissoras que levam as imagens da Fórmula 1 para outros países do mundo:

Uma eu vez ouvi do próprio Bernie uma comparação do Mundial de Fórmula 1 com a Copa do Mundo, ele dizia que, em termos de organização, cobertura de televisão e mídia em geral, ele conseguia promover uma Copa a cada duas semanas (BOWER, 2011).

A citação na obra de Bower (2011) também demonstra certa falta de modéstia do comandante do circo da Fórmula 1 ao comparar um final de semana de corrida com um mês de uma Copa do Mundo. Mesmo que em termos comparativos os números sejam próximos, a magnitude de uma Copa do Mundo segue insuperável, mesmo que este evento seja a cada quatro anos:

Ecclestone criou um espetáculo anualmente assistido por 41 bilhões de pessoas, em 201 países no mundo. Cada uma das grandes equipes tem orçamento que ultrapassa os 400 milhões de dólares. Pilotos como Michael Schumacher e Fernando Alonso alcançam salários de 50 milhões de dólares por ano (BOWER, 2011).

A emissora britânica Sky Sports traz um realce a mais na marca Fórmula 1, que na sua temporada de estréia comandando as transmissões de TV para a Europa alcançou números expressivos na sua audiência, além da aprovação dos telespectadores do continente, por ser a primeira emissora com um canal específico para a modalidade, com o sistema de imagens em alta definição. O

Grande Premio da Austrália, no circuito de rua Albert Park, em Melbourne, o qual abriu a temporada de 2012, foi o primeiro a ser transmitido exclusivamente pela Sky, e teve uma audiência média de 526 mil telespectadores em mais de 4h30min ininterruptas de transmissão.

O sucesso das transmissões ao longo das 20 corridas da temporada 2012 rendeu em dezembro "Best Award Transmissão de TV" no FIA Prize 2012, em cerimônia realizada em Mônaco. Além disso, a temporada de estréia da Sky Sports F1 ainda rendeu à emissora outro prêmio para o programa apresentando, intitulado "Formula One". Giavoni (2012) descreve com precisão o que é a Fórmula 1 para um espectador de TV:

Podemos, sem necessidade de pesquisa de campo, descrever o que é uma corrida de Fórmula 1 para o espectador de arquibancada e o espectador de TV. Sobre este último, a Introdução desta pesquisa dá conta de explicar a maior parte das características que envolvem as transmissões de provas da categoria. Imagens e sons são caprichosamente escolhidos pelo diretor de imagem, que possui uma miríade de câmeras e microfones para escolher os pontos do circuito mais interessantes de serem mostrados, além das câmeras que vão dentro dos carros – as conhecidas *onboard*. Narradores e comentaristas dão conta de contextualizar e "traduzir" os fatos acontecidos.

O êxito das transmissões abriu espaço também para a GP2, categoria que dá acesso aos pilotos mais jovens a Formula 1. Isso aumenta o tempo de transmissão por parte da Sky F1 HD, sendo ela responsável também por passar as corridas da GP2

para Europa e o resto do mundo, onde o canal de TV fechada no Brasil Sportv é a emissora responsável por transmitir a GP2 ao vivo, aos sábados e domingos. A seguir, faremos uma análise das transmissões por parte da Sky Sports F1.

ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES DA SKY SPORTS HD

O presente artigo consiste em mostrar como a Fórmula 1, que é sucesso no Brasil com as transmissões das corridas presente no cotidiano do brasileiro desde 1972, inicialmente divididas entre a extinta TV Tupi e a Rede Globo, que tomou a exclusividade em 1976 e só deixaria de exibir em 1980. Aquela temporada seria exibida pela TV Bandeirantes, para no ano seguinte ser recomprada, segundo o jornalista Luiz Alberto Pandini, por 1,75 milhões de dólares pela Globo junto a Ecclestone, por conta da ascensão de Nelson Piquet, piloto brasileiro que estava vencendo corridas:

Quando eu comecei a acompanhar a F1, no final de 1978, a Globo já passava todas as corridas... que acontecessem de manhã. As da América do Norte, que iriam ao ar à tarde, ficavam relegadas a flashes e à edição do "Fantástico", provavelmente porque achavam que aquele monte de lixo da programação dominical era mais importante. Isso só começou a mudar no final de 1981. A Globo transmitiu os GPs do Canadá e Las Vegas, os dois últimos da temporada e nos quais Piquet ratificou seu primeiro título. Em 1982, aconteceram quatro GPs na América do Norte e ela só passou o último, em Las Vegas, provavelmente porque acontecia no sábado e decidia o

título entre Keke Rosberg e John Watson. A partir de 1983, salvo em ocasiões muito raras, todos os GPs passaram a ser transmitidos ao vivo, independentemente do horário.

O objeto de estudo consiste em uma emissora específica e voltada para os fãs daquela que é considerada a maior categoria do automobilismo mundial. Conforme apresentado anteriormente, pode-se dizer que é um caso de sucesso na história das transmissões televisivas voltadas para o esporte a motor.

GRANDE PRÊMIO DE MÔNACO

Começamos a análise por aquele que é considerado o GP mais desafiador para equipes e pilotos, o de Mônaco, situado no principado de Monte Carlo, nas proximidades de Nice, na França. Corrida tradicional do calendário da Fórmula 1, consta no calendário de corridas desde a criação da categoria em 1950, ao lado dos GPs de Silverstone, Monza e Spa-Francorchamps (Bélgica).

Mônaco é conhecido por ser um lugar de muito *glamour*, onde as emissoras de TV que por lá trabalham fazem da transmissão da corrida mais tradicional do calendário um evento à parte na temporada. Para isto, Giavonni (2012) sintetiza em sua obra o Grande Prêmio de Mônaco:

O GP de Mônaco, realizado nas estreitas ruas daquele principado junto ao Mediterrâneo, tem cerca de 250 quilômetros totais ou, em casos excepcionais, o limite de duas horas. É disputada com carros de Fórmula 1, categoria totalmente focada em acelerações. Seus carros não são os mais velozes do mundo, mas nada sobre a face da Terra é capaz de correr mais rápido em qualquer circuito misto – e quanto mais sinuoso este for, maior a diferença

em relação a qualquer outra categoria. O GP de Mônaco de F1, portanto, equivaleria a uma corrida de 100 metros rasos do atletismo. Uma prova de aceleração total, na qual a rapidez importa mais do que velocidade máxima ou resistência física. Em resumo: vence em Mônaco quem for mais rápido no absoluto.

No caso do nosso objeto de estudo, chama a atenção que a Sky Sports HD realizou a produção de vídeo promocional especialmente para o GP, bem como o cuidado da emissora de não dispensar a presença de um comentarista, jornalista formado e apto para exercer a profissão, mas ao mesmo tempo, de maneira concomitante, dispõe de um ex-piloto com história na Fórmula 1, o que deixa a transmissão bem mais atrativa. A equipe da Sky Sports HD, tem Simon Lazenby como apresentador de todas as corridas ao vivo – ele também realiza as análises pós-corrida. David Croft é o comentarista principal da emissora britânica, responsável por analisar as sessões de treinos, qualificação e dia da corrida.

Para o Grande Premio de Mônaco, foi escolhido pela emissora o ex-piloto britânico Damon Hill, campeão mundial de Fórmula 1 em 1996. Além de Hill, outro ex-piloto esteve presente nas transmissões: Johnny Herbert, que fez dupla com Hill nas análises técnicas ao longo do final de semana.

A equipe de transmissão da Sky Sports HD ainda contou com os repórteres Ted Kravitz, no *pit-lane*⁴ Kravitz e o responsável por informar os bastidores diretamente dos boxes ao longo das corridas, além de ser o apresentador do programa F1 Show, que vai ao ar logo após a transmissão da sessão de treino ou da corrida. Além de Kravitz, está

na equipe a repórter Natalie Pinkham, encarregada de entrevistar os pilotos antes e após a corrida, ainda na pista. Pinkham também apresenta o F1 Show.

Diferente das demais corridas do calendário, onde os treinos livres acontecem nas sextas-feiras, Mônaco tem as duas primeiras sessões de treinos acontecem nas quintas-feiras, por ser um circuito de rua no meio da cidade, evitando assim que o trânsito de carros e pedestres não seja maior por se tratar de um final de semana. Ao todo entre os quatro dias de cobertura em Mônaco foram mais de 72 horas de imagens e informações diretas do local do evento. Chama atenção a criatividade que a emissora teve em relação à sexta-feira onde não aconteceram treinos, onde foram ao ar dois programas ao vivo, um no final da manhã e outro no início da noite, sendo eles ao vivo e ancorados pelos seus repórteres já citados anteriormente.

Ainda na sexta-feira a Sky Sports HD fez reprises das duas sessões de treinos livres, mais o treino classificatório para a primeira bateria da GP2 que aconteceu no sábado. No evento principal, a corrida de domingo, diferentemente da emissora brasileira encarregada de mostrar a corrida para o Brasil, a Sky Sports HD abre a geração de imagens para Europa, quase duas horas antes do evento, ou seja, se a corrida para o Brasil está marcada para as 9h no horário de Brasília, as transmissões da emissora europeia, fazendo um paralelo com o nosso horário, abre com informações de boxes e bastidores às 7h. Antes da corrida, coube à repórter Natalie Pinkham, ao lado de Damon Hill, percorrer o *grid*⁵ de largada, entrevistando chefes de equipes e pilotos que se preparavam

4 Pit Lane é o local onde transitam carros, membros das equipes, pilotos e credenciados para o evento da Fórmula 1. Local de acesso restrito aos profissionais que trabalham no evento.

5 Grid é o local onde os carros ficam alinhados na reta principal do circuito enquanto aguardam a largada da corrida

para as 78 voltas no circuito local. Em um comparativo com a Rede Globo de Televisão, a emissora brasileira, para o GP de Mônaco, levou equipe completa para o local da corrida. Com chamadas específicas para a corrida e com bastidores antes da corrida. Mônaco para Rede Globo sempre foi uma corrida especial, uma vez que transmitiu todas as seis vitórias de Ayrton Senna, recordista de triunfos no circuito.

GRANDE PRÊMIO DO CANADÁ

Outro circuito tradicional na Fórmula 1 atual, o Grande Prêmio do Canadá, localizado na ilha artificial de Notre Dame em Montreal, contempla uma das paisagens mais bonitas do calendário da categoria. Para o evento em solo canadense, a Sky Sports HD contou em seu time de comentaristas apenas com Johnny Herbert, diferentemente de Mônaco, onde Damon Hill também fez parte do time de comentaristas. Assim como em Mônaco, a emissora fez um vídeo promocional para o GP, mas dispensou uma produção mais elaborada, apenas com imagens de corridas anteriores no Canadá, com uma referência ao piloto que leva o nome do circuito, Gilles Villeneuve⁶.

No primeiro dia de treinos, mesmo com a chuva, a equipe de transmissão não parece se importar com o clima local: com auxílio de guarda-chuvas passa todas as informações necessárias diretamente dos boxes em meio aos carros e equipes. Para o treino classificatório, no final o ex-piloto e comentarista Johnny Herbert apresentou o circuito para os telespectadores em um infográfico, mostrando suas características.

⁶ Gilles Villeneuve, correu entre as temporadas de 1977 a 1982. Gilles faleceu em um acidente nos treinos classificatórios para o Grande Prêmio da Bélgica, no circuito de Zolder em 1982. Gilles também é pai de Jacques Villeneuve, campeão mundial de Fórmula 1 em 1997.

Dos boxes Ted Kravitz, realizava entrevistas ao vivo, com curiosidades de bastidores e informações diretas das equipes. Na corrida no domingo, a emissora seguiu o mesmo script [grifo nosso] com a repórter Natalie Pinkham entrevistando equipes e pilotos. Destaque para a transmissão realizada no Canadá, foi o fato da emissora valorizar os pilotos do continente americano. Pilotos como Emerson Fittipaldi, Mario Andretti e Jacques Villeneuve foram muito solicitados para entrevistas e comentários breves sobre o circuito e a Fórmula 1 atual. Ao final, o GP do Canadá foi vencido por Sebastian Vettel, que ainda gravou um vídeo especial para o canal resumindo sua vitória. A corrida que marcou um descaso da Rede Globo com os fãs, que em detrimento do amistoso Brasil x França marcado para as 16 horas ocorrido em Porto Alegre, em horário concomitante com a corrida, optou por transmitir metade da corrida, mostrando apenas em um quadro a volta final da corrida. O que acabou revoltando os fãs da categoria.

GRANDE PRÊMIO DA HUNGRIA

Para o GP da Hungria, a Sky Sports HD preparou uma chamada especial para seus telespectadores, com imagens de acrobatas húngaros com os melhores momentos dos pilotos ao longo da temporada até aqui. Uma cobertura ampla foi feita pela emissora ao longo do final de semana. Entrevistas exclusivas com pilotos importantes, como Kimi Raikkonen, Fernando Alonso e Sebastian Vettel, foram os destaques da transmissão, que contou ainda com a corrida da GP2 como pano de fundo, o que aumentou ainda mais o tempo da cobertura ao vivo por parte do canal. Chama a atenção na análise feita da cobertura do GP o cuidado em que os comentaristas de passar todas as informações de forma que o grande público entenda os termos técnico, o jargão da Fórmula 1. Além da equipe fixa do

canal, outros pilotos também participaram das transmissões com comentários técnicos sobre o circuito húngaro. Estes comentários foram tanto para a GP2 quanto para a Fórmula 1. O GP foi vencido pelo britânico Lewis Hamilton, que ao final da prova também gravou um vídeo para os fãs para as câmeras da Sky Sports HD exaltando o feito conquistado no circuito húngaro. Giavoni (2012) menciona em sua obra a importância da TV para os fãs da Fórmula 1:

Podemos constatar, neste aspecto, que a televisão, neste caso, não é um mecanismo limitador do público entusiasta, mas um amplificador de sua maneira de entender a dinâmica da corrida. Só há uma tela para se ver, mas ela mostrará muito mais do que sua visão pode alcançar nas arquibancadas. É por isso que não são raros os exemplos de pessoas que tornaram-se fãs da Fórmula 1 através da televisão não gostarem ou minimamente estranharem suas primeiras experiências em autódromos. Alguns momentos-chave da corrida, como a largada ou uma ultrapassagem valendo a liderança, podem ser totalmente perdidas pelas pessoas nas arquibancadas, enquanto quem está diante da TV pode ver os lances exaustivamente, em replay e em vários ângulos de câmera. Atualmente, é muito difícil uma transmissão televisiva não captar momentos importantes.

O GP da Hungria, além disso, marcou a metade da temporada atual da Fórmula 1, o que explica no material analisado todo o cuidado em fazer uma transmissão de qualidade para os telespectadores, onde uma quantidade de vídeos sobre o GP da Hungria da própria Sky Sports HD estão a disposição também no site Youtube, onde

tanto pilotos, comentaristas, chefes de equipe ressaltaram a parada de mais de trinta dias para as férias de verão na Europa, onde a Fórmula 1, tem um período de pausa nas corridas. Para os telespectadores brasileiros, o GP da Hungria foi outra decepção para os telespectadores da televisão aberta. Com uma transmissão incompleta, a Rede Globo transmitiu o treino classificatório do sábado ao vivo, e em detrimento da visita do Papa Francisco no Brasil, alterou a corrida na sua grade de programação, reprisando a mesma as 23 horas de domingo. Na ocasião a única alternativa para ver a corrida ao vivo, foi pelo canal Sportv. Chamou a atenção que na ocasião, a emissora ainda prometeu uma reprise na íntegra da corrida, o que não aconteceu, a reprise das 70 voltas do GP da Hungria foi de aproximadamente 50 minutos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do presente estudo, podemos concluir que o Brasil ainda está muito distante da realidade que o nosso objeto de estudo, a Sky Sports F1 proporciona para os fãs da maior categoria do automobilismo mundial. Obviamente, não podemos deixar de valorizar os esforços por parte da emissora que atualmente detém os direitos de transmissão, que há 40 anos transmite as corridas para os fãs brasileiros, e que atualmente aos poucos tenta inovar em suas transmissões, seguindo um pouco a linha européia, contando com pilotos e um comentarista especializado na equipe da emissora. Em relação ao objeto de estudo ainda acredito que no Brasil ainda é difícil vislumbrar a possibilidade da F1 seguir este caminho da TV paga. Apesar da queda de audiência, a categoria ainda gera um interesse considerável no público e tem boa repercussão na mídia.

Além disso, os parceiros comerciais da Globo na transmissão, muito até pelo espaço que ganham em outros programas da emissora, como Jornal Nacional ou Fantástico, ajudam para que a Fórmula 1 não ganhe o rumo dos canais fechados.

Tudo porque a TV fechada ainda não é algo que está totalmente entranhado na cultura do brasileiro, e uma eventual ida da Formula 1 para este segmento, nos dias atuais, seria estranho até mesmo para quem não acompanha o automobilismo, uma vez que a categoria ainda tem grande notoriedade na televisão brasileira. Importante ressaltar que, ao contrário da Europa, que começou o processo de levar os esportes como o futebol, por exemplo, que é a principal modalidade também por lá para os canais fechados, aqui no Brasil ainda temos dois canais abertos que transmitem as principais partidas e as principais modalidades esportivas. Neste exemplo, citamos a Globo, com a própria Fórmula 1, e a Rede Bandeirantes de Televisão com a Fórmula Indy.

Assim como também é verdade que boa parte dos eventos esportivos, principalmente do futebol brasileiro, já está no pay-per-view, o que aumenta suas vendas a cada ano nos canais fechados como Sportv, Fox Sports e ESPN, a faixa da TV aberta faz parte da rotina do telespectador brasileiro. O certo é que carecemos de mais estudos e pesquisas sobre a Fórmula 1, modalidade que cobre quase todos os países do mundo, com um evento que mobiliza bilhões de pessoas por 20 finais de semana do ano.

REFERÊNCIAS

A saga da Fórmula 1. São Paulo: Publifolha. Vídeo-documentário, VHS, 52 min.

BOWER, Tom. **Não Sou Anjo: Revelações Inéditas de Bernie Ecclestone Sobre sua**

Atuação nos Bastidores da Fórmula 1. São Paulo, SP: Novo Conceito, 2011. 520 páginas

CAMARGO, V.R.T. **A divulgação do esporte na TV brasileira: fluxos convergentes entre ciência, arte e tecnologia.** GUIMARÃES, E. (org.) Produção e Circulação do Conhecimento: Estado, Mídia e Sociedade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo.** São Paulo: Editora Contexto, 2004. 120 páginas

DEFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa.** Tradução da 5ª edição norte americana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva.** TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) Esporte & Jornalismo, São Paulo, CEPEUSP, 1997

GIAVONI, Lucas. **Estudo da influência das marcas de cigarro na Fórmula 1.** Pesquisa de Iniciação Científica. Uniso/FAPESP, 2006.

GIAVONI, Lucas. **A transmissão cultural da Fórmula 1 pela teoria comunicacional de John B. Thompson.** XXXIV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – Recife/PE, Setembro, 2011

GIAVONI, Lucas. **A Fórmula 1 e as Teorias da Comunicação: Transformações Culturais.** Pesquisa de Mestrado. Uniso/FAPESP, 2012.

MALULY, L.V.B. **Panorama do Jornalismo Esportivo no Brasil.** XXVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – PUC/RS. Porto Alegre/RS, Setembro, 2004.

RIBEIRO, Nice. **Fórmula 1: O circo e o Sonho.** Brasil, Editora Best Seller, 1990. 208 páginas

TREMAYNE, David. **Fórmula 1 – 50 Anos Dourados.** Londres, 1999. Volume III.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.